OPINIÃO

Na avicultura, prevenir também é proteger a rentabilidade

Juliana Arrais (*)

A avicultura sempre evoluiu impulsionada por desafios.

Nos últimos anos, porém, as restrições ao uso de determinados antimicrobianos como promotores de crescimento, somadas às exigências regulatórias e à preocupação mundial com a resistência aos antimicrobianos, passaram a exigir uma nova forma de pensar os programas nutricionais e sanitários.

Mais do que substituir uma ferramenta por outra, o desafio é preservar produtividade, eficiência e rentabilidade em um cenário de maior pressão sanitária. Para isso, é necessário sair de um modelo baseado na correção dos problemas e avançar para uma estratégia fundamentada na prevenção.

Durante muito tempo, algumas decisões eram tomadas somente quando os primeiros sinais de perda de desempenho apareciam. Hoje sabemos que, quando há piora na conversão alimentar, redução do ganho de peso, aumento da mortalidade ou queda na uniformidade do lote, o impacto econômico já pode estar presente. Prevenir significa identificar tendências e agir antes que esses indicadores se transformem em perdas mais significativas.

Nesse contexto, a saúde intestinal deixou de ser observada apenas como um parâmetro sanitário e passou a ocupar uma posição estratégica na gestão da produção. Um ambiente intestinal equilibrado favorece o aproveitamento dos nutrientes, reduz o gasto energético associado às respostas inflamatórias e contribui para que as aves expressem seu potencial genético ao longo do ciclo produtivo.

Os efeitos são percebidos no desempenho zootécnico, mas também na previsibilidade dos resultados. Quanto mais estável for a saúde intestinal do lote, maior tende a ser a capacidade de enfrentar os desafios presentes no ambiente de produção sem comprometer a eficiência do sistema.

Entre os principais desafios sanitários estão agentes como Salmonella, Escherichia coli e Clostridium perfringens. O impacto desses microrganismos depende não apenas de sua presença, mas também da pressão de infecção, das condições ambientais, do equilíbrio da microbiota intestinal e da capacidade de resposta das aves.

Esse entendimento representa uma mudança importante. O objetivo de um programa de saúde intestinal não é eliminar todos os microrganismos do trato gastrointestinal, mas favorecer um ambiente capaz de limitar a multiplicação de agentes potencialmente patogênicos e preservar o funcionamento adequado do intestino.

Na avicultura moderna, portanto, não basta atuar sobre um patógeno depois que o problema já está instalado. É necessário acompanhar a pressão de infecção e reconhecer alterações antes que elas comprometam o desempenho dos lotes.

Nossa experiência com programas de uso de aditivos e análises a campo mostra que os melhores resultados são obtidos quando o monitoramento gera informações capazes de orientar decisões rápidas e assertivas. O acompanhamento dos indicadores zootécnicos e microbiológicos permite identificar tendências, ajustar as estratégias nutricionais e avaliar o uso de diferentes ferramentas antes que os desafios causem prejuízos mais expressivos.

Agir preventivamente tende a ser mais eficiente e econômico do que atuar apenas de forma corretiva. No entanto, não existe uma solução única para o controle dos desafios entéricos. Biosseguridade, manejo, qualidade das matérias-primas, ambiência, vacinação, monitoramento sanitário e nutrição precisam funcionar de maneira integrada.

Quanto mais consistentes forem esses pilares, menor será a necessidade de intervenções corretivas e maior será a capacidade das aves de responder aos desafios inerentes ao ambiente de produção.

Dentro desse conjunto de medidas, os aditivos nutricionais podem atuar como ferramentas de apoio aos programas de saúde intestinal. Probióticos, ácidos orgânicos e outros aditivos funcionais contribuem para modular a microbiota, preservar a integridade intestinal e reduzir a pressão exercida pelos principais agentes entéricos.

Essas ferramentas, entretanto, não substituem as boas práticas de produção. Seus resultados dependem da definição de objetivos claros, da escolha adequada das soluções e do acompanhamento contínuo dos lotes. A decisão sobre o uso de cada aditivo deve ser baseada nas características do sistema produtivo e nas informações obtidas por meio do monitoramento.

Mais do que atender às mudanças regulatórias, investir em prevenção significa construir sistemas produtivos mais resilientes, previsíveis e sustentáveis. Essa abordagem também está alinhada ao conceito de Saúde Única, ao reconhecer a relação entre saúde animal, saúde humana e equilíbrio ambiental, especialmente no debate sobre o uso responsável de antimicrobianos.

O futuro da avicultura será definido pela capacidade de antecipar os desafios, e não apenas de reagir a eles. Nesse cenário, a prevenção deixa de ser somente uma estratégia sanitária e passa a ocupar um papel central na gestão da atividade. Proteger a saúde intestinal e agir antes que as perdas apareçam também é preservar a produtividade, a eficiência e a rentabilidade da produção avícola.

(*) Zootecnista e gerente de Serviços Técnicos – Animal Nutrition & Health Latin America da Kemin.

Agregação de valor ganha força na indústria para ampliar rentabilidade da tilápia brasileira

Integração da cadeia produtiva, investimentos em processamento e aproveitamento de subprodutos estão entre as estratégias para fortalecer o setor

Imagem de arquivo



A busca por maior competitividade na piscicultura brasileira passa pela industrialização, pela eficiência produtiva e pelo desenvolvimento de produtos com maior valor agregado. Para impulsionar esse mercado, as empresas do setor têm investido em tecnologias de processamento, qualidade e logística para ampliar o aproveitamento da tilápia e atender às exigências do mercado consumidor.

De olho nesse movimento, a Piscicultura Cristalina, com mais de três décadas de atuação no mercado, enxerga a integração entre produção e indústria como uma estratégia para fortalecer a comercialização do pescado.

Os investimentos recentes foram direcionados à aquisição de equipamentos para porcionamento e embalagem de produtos resfriados. Segundo o diretor Mauro Tadashi Nakata, uma das oportunidades para ampliar o consumo está na valorização de subprodutos comestíveis, o que pode contribuir para tornar os filés mais acessíveis.

"Acreditamos que o diferencial é a qualidade dos peixes e bom processamento, aliado a uma logística bastante eficiente", destaca. A empresa também projeta ganhos de eficiência industrial e crescimento sustentável da produção.

Com um DNA marcado pela qualidade e eficiência, a BTJ Aqua também vê na integração um modelo que traz ganhos. O primeiro, diz o diretor-executivo Felipe Torquato Junqueira Franco, é a rastreabilidade e a segurança alimentar. Em seguida, vem o custo. Na sua avaliação, a indústria orienta a genética, ração e manejo para chegar a um peixe com mais rendimento de filé, tornando-o mais barato.

"E o terceiro ganho é o acesso a mercados mais maduros. Se fôssemos só terminadores, com a escala que temos, estaríamos presos a um mercado mais informal e com mais risco de inadimplência", explica.

Outro diferencial está na padronização e na confiabilidade do abastecimento. Na BTJ Aqua, o filé resfriado é o principal produto com exigências rigorosas de qualidade e uma operação que integra piscicultura, indústria e logística. "O cliente faz o pedido e dorme tranquilo, porque sabe que o peixe estará lá e fará o negócio girar", discorre.

Segundo Franco, o mercado reconhece e remunera esses atributos até certo ponto.

> Empresas do setor têm investido em tecnologias de processamento e qualidade para ampliar o aproveitamento da tilápia e atender às exigências do mercado.

A rastreabilidade ainda tem pouco valor percebido, mas tende a ganhar peso no longo prazo, junto com a segurança alimentar. "O momento é de estabilidade, ou seja, não correr riscos, manter a operação enxuta, garantir a performance da produção e da indústria e consolidar as parcerias atuais, sem diversificação estratégica em novos produtos ou mercados".

As exceções são a busca por destino para cortes e subprodutos, como escamas destinadas à hidrólise, e projetos pontuais de baixo investimento, como o filé resfriado em atmosfera modificada.

Desafios no meio do caminho

Apesar das oportunidades, o avanço da industrialização ocorre em um cenário de desafios sanitários e comerciais. Nesta lista aparecem os impactos do vírus ISKNV, os custos adicionais de prevenção e a pressão competitiva das importações de tilápia do Vietnã.

Para Franco, a abertura comercial representa um risco para a competitividade de uma cadeia que já enfrenta desafios sanitários e custos elevados de produção. "O Brasil é o quarto maior produtor mundial e cresceu praticamente só com o mercado interno. A nossa agenda deveria ser a oposta: abrir mercados para exportar e fazer a produção nacional crescer, e não importar", reforça.

O executivo também chama a atenção para os possíveis riscos sanitários associados às importações, especialmente diante dos impactos do vírus ISKNV na piscicultura brasileira. Segundo Franco, a análise de risco considerou apenas o Tilapia Lake Virus (TiLV), sem contemplar outros patógenos.

A insegurança jurídica criada pela votação na Comissão Nacional da Biodiversidade (Conabio) é um fator somado a esse cenário. Esse movimento projeta enquadrar a tilápia e outras espécies importantes no país como "exóticas invasoras".

Na avaliação do executivo, a percepção equivocada de que a piscicultura oferece margens elevadas e retorno garantido atrai investidores sem experiência no setor. Esses agentes, muitas vezes, absorvem prejuízos até abandonar a atividade, provocando desequilíbrios no mercado e comprometendo a competitividade de empresas consolidadas e eficientes. "Não é negócio para amador", resume.

"Hoje o mercado amadureceu, o que é bom, mas os desafios zootécnicos e os riscos aumentaram muito. Então, o papel da PEIXE BR nessas demandas tem sido fundamental. É uma atuação importante na defesa dessas causas, muitas vezes nos bastidores, longe dos holofotes", conclui o diretor-executivo da BTJ Aqua.

Super El Niño acende alerta para riscos no campo e reforça importância do seguro rural

As projeções que indicam a possibilidade do Super El Niño reforçam a necessidade de produtores rurais ampliarem a atenção à gestão de riscos climáticos no campo. Para a Sancor Seguros, operação brasileira de uma das maiores seguradoras da América Latina e líder na Argentina, o cenário exige uma leitura regionalizada dos impactos, já que os efeitos sobre a produção agrícola podem variar de forma significativa em diferentes partes do país.

Na região Sul, chuvas acima do normal podem favorecer culturas de verão, como soja e milho, principalmente nas fases em que o volume de precipitações é determinante para a produtividade. Por outro lado, o excesso de umidade pode aumentar a incidência de doenças em culturas de inverno, comprometer a qualidade dos grãos, dificultar a colheita e ampliar o risco de enchentes em áreas próximas a cursos d'água.

Em regiões como Nordeste e Norte, o cenário pode ser oposto, com precipitações abaixo das médias históricas e aumento das temperaturas máximas, o que torna o ambiente produtivo mais instável. Diante dessa diversidade de impactos, a seguradora reforça a importância de uma estratégia de distribuição entre regiões e culturas, fator considerado essencial para a estabilidade dos resultados de sinistralidade no médio e no longo prazo.

Sancor Seguros



Martin Pacheco, Superintendente de Agronegócios na Sancor Seguros

"O seguro rural precisa considerar que o risco climático não se manifesta da mesma forma em todas as regiões. Em um cenário de maior volatilidade, proteger a produção passa por entender a cultura, a localização, o histórico climático e a exposição específica de cada propriedade", afirma Martin Pacheco, Superintendente de Agronegócios da Sancor Seguros.

Proteção rural exige análise técnica e distribuição de riscos

A volatilidade climática é um dos principais riscos assumidos pelas seguradoras no seguro agrícola e, tradicionalmente, os modelos de subscrição consideram séries históricas de produtividade, precipitações, temperaturas, geadas e outros indicadores. No entanto, o aumento da frequência e da severidade de eventos extremos tem pressionado o setor a aperfeiçoar seus critérios de análise, precificação e gestão de riscos.

Dessa forma, as coberturas multirriscos com garantia de produção, expressas em sacas por hectare, ganham relevância para produtores rurais e entidades financiadoras de recursos e insumos. Esse tipo de seguro é uma ferramenta para mitigar perdas financeiras associadas a uma atividade diretamente exposta às condições climáticas.

Para a Sancor, a subscrição deve ser conduzida com rigor técnico, incorporando o maior número possível de variáveis disponíveis. A proposta é evitar que decisões inadequadas ampliem a sensibilidade natural desse tipo de produto, especialmente em coberturas multiclimáticas, que podem ter comportamento catastrófico quando um único evento atinge simultaneamente grandes áreas produtoras.